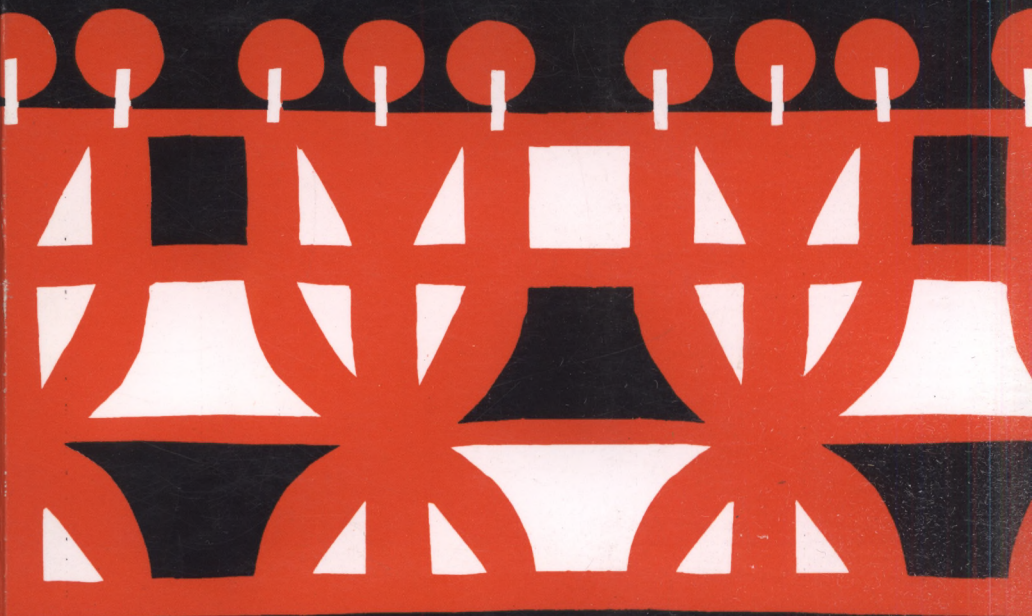


Порт/п
S 969

OCAS^TICAL



SVITLYTCHNY
SYMONENKO
STUS

IVÁN SVITLYTCHNY
VASSYL SYMONENKO
VASSYL STUS

O CASTIÇAL

EDITORIA VELHA LAPA
RIO DE JANEIRO
1998

Tradução do Ucrainiano: Wira Selanski

Série PYSSANKA:

1. Vassyl Gholoborodhko: DIA VERDE (1991)
2. Iván Dratch: ASAS (1993)
3. O Grupo de Nova York: COLMEIA (1993)
4. Mykola Vorobiów: SIGNOS (1994)
5. Valery Chewtchúk: O CAMINHO (1995)
6. Ighor Kalynéts: O FOGO SAGRADO (1997)
7. Lida Paly: LUZES NA ÁGUA (1997)
8. Vassyl Symonenko, Iván Svitlytchny, Vassyl Stus:
O CASTIÇAL (1998)

Ilustrações: Marko Zubár

Capa: WW

© Wira Selanski

A TRÍADE DA RESISTÊNCIA

Os três poetas apresentados neste volume são figuras de destaque dentro do movimento dissidente dos sessentistas, na Ucrânia. A melhor característica do mesmo foi dada pela pesquisadora-escritora Mykháilyna Kotsiubynska, pertencente ao grupo:

"O movimento dos sessentistas foi uma manifestação espontânea de maturidade espiritual, do pensamento novo, da nova escala de valores e da revisão da experiência nacional dentro do sistema totalitário. Seus membros formavam-se no meio deste sistema. Muitos deles, no começo, estavam sinceramente convictos de mitos ideológicos em voga e que foram mais tarde abandonados como falsos e retrógrados." (Prefácio do livro *Eu Tenho Só Palavra*, de Iván Svitlytchny)

Os jovens intelectuais da Ucrânia revoltavam-se contra a injustiça social, praticada principalmente contra a classe camponesa; contra a russificação deliberada da língua e da cultura ucranianas e contra a imposição do realismo-social como única possível e permitida manifestação artística. O livro de Iván Dziuba, *Internacionalismo ou Russificação*, enviado como protesto pelo autor à KGB, circulava clandestinamente em cópias no país. Os sessentistas eram odiados e perseguidos, por não lutarem com armas e sim com idéias.

Nesse tempo foi destruído o vitral no hall da Universidade de Kyiw, da autoria dos artistas Alla Ghorska, Ludmyla Semykina e Opanás Zalyvakha, que apresentava o poeta Tarás Chewtchenko abraçando uma humilde camponesa em traje nacional, simbolizando a Ucrânia. Acima do vitral liam-se as palavras do poeta:

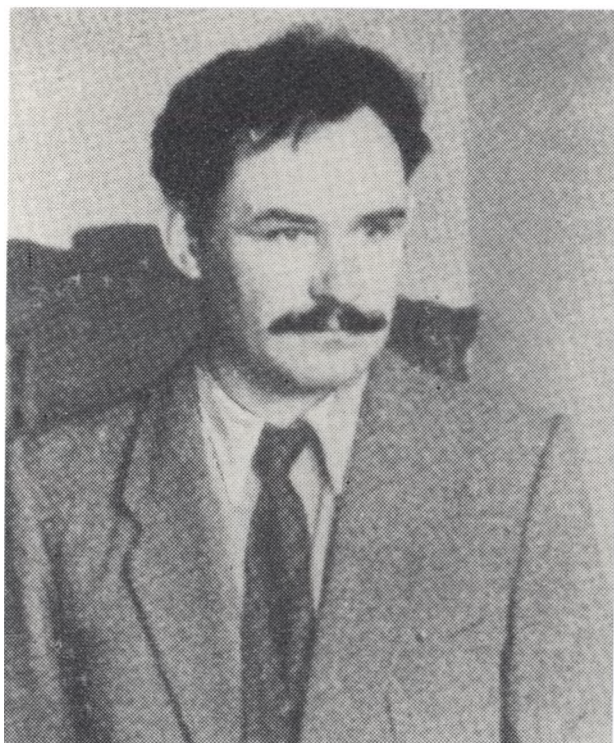
"Exaltarei estes humildes servos mudos,
Colocarei de sentinela junto a eles a Palavra."

Principalmente a partir do começo da sétima década deste século, os membros do grupo sofreram perseguições, processos criminosos, condenações e torturas. A pintora Alla Ghorska foi brutalmente assassinada, outros perderam

precocemente a saúde, alguns morreram no cativeiro em consequência de maus tratos.

No entanto, é certo que a independência da Ucrânia em 1991 não seria possível sem a atuação destes heróis que três décadas mais cedo ousaram a palavra justa, enfrentando de cabeça erguida a corrupção, o chauvinismo e a morte.

W. S.



IVÁN SVITLYTCHNY (1929-1992)

IVÁN SVITLYTCHNY (1929-1992)

Nasceu na aldeia Polovynkyne, na região de Lughansk, onde freqüentou a escola rural. Nos anos da fome na Ucrânia (1933-1937), para salvar os filhos da morte, sua mãe – camponesa – teve que trabalhar como empregada doméstica em Donbás. Em 1943, durante a ocupação alemã, querendo desmontar uma bomba, Svitlytchny ficou sem alguns dedos. Depois de ter terminado a escola média em Starobilsk, freqüentou a Faculdade de Filologia na Universidade de Kharkiw, onde se distinguiu pela inteligência brilhante. Em 1952 começou a trabalhar no Instituto de Literatura da Academia de Letras em Kyiw, dedicando-se à Crítica Literária, Teoria de Literatura e Tradução, especialmente da Literatura Francesa. Como pessoa, era amável e modesto, tornando-se o centro de encontro de jovens patriotas voltados para a Literatura e as Artes.

Foi preso pela primeira vez em 1965, por ter criticado o dicionário ucraniano-russo do acadêmico I. K. Bilodid, num artigo que tinha como meta mostrar o parentesco entre as duas línguas, omitindo o tesouro léxico próprio apenas à Língua Ucraniana. Depois de oito meses, Svitlytchny foi libertado, porém em 1972 seguiu-se a segunda detenção, com 7 anos de prisão e 5 anos de deportação. Cumpriu sua pena na íntegra, apesar de ficar inválido em 1981, em resultado de um enfarte. Voltando a Kyiw, perdeu a razão, morrendo 11 anos mais tarde.

Sua poesia nasceu em tempo de perseguição e caracteriza-se pelo intelectualismo e humor negro.

Obras publicadas: *Sonetos atrás das Grades* (Munique/Nova York, 1977), *O Coração para Balas e Rimas* (Kyiw, 1990), *Eu Tenho Só Palavra* (Kharkiw, 1994).

GEADA

Veio a amena primavera
E junto – a bênção divinal.
Com neve, derreteu-se o mal,
Do inverno lívida quimera.

E rútilo correu caudal,
Livrando-se da lei severa.
De sol embriagada, vera,
Nasceu florada sem igual.

Porém o vendaval à noite
Varreu a terra com açoite,
Matando tudo ao redor,

E, presa pela vil geada,
Tombou na terra desolada,
Qual lágrima, a primeira flor.

A VASSYL STUS

Pelo teu crime tão sofrido,
Por teu imenso dom de amar,
És condenado a suportar
As mil calúnias sem sentido.

Processo negro! Que azar
Estares nele tu envolvido!
E sem rancor, e sem gemido
Vazios olhos contemplar.

Escárnio, troças, zombaria
Serão teu prêmio cada dia,
Porém herói suporta a dor,

E nas Sibérias e Mordóvias
Carregarás por tuas vias
Fiel, o teu eterno amor.

SONETO DA ALMA

Vibrava a alma nas alturas,
Batia forte o coração
Com a verdade. Mas então
Nasceu no mundo uma loucura:

De coroar um charlatão.
E a besta de raiz escura
Quis com salsicha e rapadura
Tornar feliz a multidão.

A alma desta pobre gente
Fruiu de carne a aguardente,
Então grunhiu, querendo mais,

Com apetite devorando,
E com salsicha foi sonhando –
Estes são da alma os ideais.

Ninguém mais crê neste planeta,
E bruxos, diabos – que veneta! –
Não passam de superstição...
Cadê tua cauda de capeta?

Sei que tu dizes: não e não!
Vassoura alada é ilusão!
Não tens de todo cara preta,
Mas poderias confessar

A teus amigos sem azar
Tuas gavinhas, tua meta...

Em sendo ateu, teu companheiro,
Não creio em diabo, feiticeiro...
Mas... e tua cauda de capeta?

MISTÉRIO VESPERTINO

*Ao nível das partituras de Deus
Ivan Dratch*

Desceram ténèbras espessas,
Em volta reina escuridão,
A névoa cobre todo o chão,
As celas calam-se depressa.

Mas eis a luz no eterno vão!
Solene Vésper surge nessa
Tristeza, e junto, qual remessa –
Consolo na desolação:

Uma estrela, outra – pura,
Surge a divina partitura
Ao som dos celestiais corais!

No meio, em desafio duro,
Levantam-se a prisão e o muro,
Hostis a esferas divinais.

PRISÃO

*Nós somos nus de coração.
Tarás Chewtchenko*

No calabouço-cativeiro
Sonhei à noite... com prisão
Sem grades, feito uma mansão,
Tal qual idílio verdadeiro.

Só homens lá curiosos são:
Parecem postes estrangeiros,
Sem língua, gritam o dia inteiro,
Usam cocar e medalhão.

Um véu espesso cobre as caras,
Não podem ver o mundo às claras,
Aguardam pena, ou perdão

Por seus pecados, ou mazelas?
Atrás das grades de costelas
Bate o covarde coração.

INSPETOR

*Procurai e encontrareis.
Escritura Sagrada*

Estou tal qual cheguei ao mundo:
Sem blusa, cueca, sem calção –
Apolo. Alheio ao sabão,
Um inspetor, lacaio imundo,

Procura provas: mete a mão
Na boca, no ânus lá bem fundo,
Se não encontra num segundo
O ninho da conspiração.

Ele age com ordeira mente
E muito metodicamente
Revira com severímo ar

Ourelas, dobras e remendo,
Desiludido, não podendo
Nenhuma figa lá encontrar.

SONETO COMPADECIDO

Perdoa todos os pecados
Do teu juiz, tem compaixão!
Iguar a ti, ele pisa o chão
E tem no lar seres amados.

Juizes julgam com razão:
Dinheiro são os condenados,
Um crime pátrio, os coitados
Deduzem do cocô de cão.

Saber querias sua ciência?
Curvar corcunda e consciência
Nem um cachorro inveja tem!

Tu deves praticar bondade,
De teu juiz ter piedade,
Como às piranhas tens também!

MEFISTO-FAUSTO

(Variação do tema antigo)

*Dedicado a Mykola Lukáč,
tradutor do "Fausto" de Goethe.*

Mykola, eu prefiro Mefistófeles.

Este, pelo menos, não torce a cauda
e pronuncia-se com clareza de soldado:

Quem tem força, tem poder...

Vale **o que**, e não **o como**.

E Fausto apenas escuta e cala. Nós, pensa,
somos feitos de outra massa,
apesar de saber, alma do demo,
de quem come o toucinho.

Não é verdade?

MEFISTÓFELES

Ele mistura, qual baralho,
Desonra, honra, mal e bem,
A arte e o ganha-pão, também,
E de azar é teu atalho

Se conseguiste algum vintém
No jogo em dança no assoalho
Da vida. Findas com entalo,
E teu banquete – com desdém.

O diabo, mestre neste esporte,
Prepara o coquetel mais forte:
Idéias – gente – tempo, que

A todos os valores xinga,
E todos bate seu curinga:
"Não vale o como, mas o quê!"



VASSYL SYMONENKO (1935-1963)

VASSYL SYMONENKO (1935-1963)

Filho de camponeses, o poeta nasceu na aldeia Biyiwtsi, na região de Poltava. Terminando em 1952 o nível médio, matriculou-se na Faculdade de Jornalismo da Universidade de Kyiw, que terminou com distinção em 1957. Trabalhou, em seguida, nos periódicos *A Verdade de Tcherkassy* e *A Juventude de Tcherkassy*, vivendo até a morte naquela cidade.

Dedicava-se à poesia, ao conto e à literatura infantil. Suas poesias ora eram mutiladas, ora proibidas pela censura do governo soviético. Uma parte delas só foi conhecida postumamente. Symonenko morreu cedo, de câncer nos rins.

Obras: *Calma e Trovão* (1962), *O Tsar Chorão e o Cossegão* (1963), *Viagem ao País de Pelo-Contrário* (1964), *Gravidade Terrena* (Kyiw, 1964), *Vinho de Rosas* (Lviw, 1965), *Poesias* (Kyiw, 1965, 1966); sua antologia *Margem da Espera* apareceu no exterior em 1965.

A arte poética de Symonenko é apenas aparentemente tradicional, pois inclui inovações semânticas e jogos de fonemas, que infelizmente se perdem na tradução. É-lhe característico, sobretudo, espírito cívico viril e dignidade.

Bom-dia, sol, e bom-dia, vento!
Bom-dia, campina feliz!
Ressuscito vivendo o momento
Das procelas primaveris.

Que a calma em volta resvale,
Eu também emudeço então.
Mas no peito nunca se cale
Primavera com seu trovão!

EU OUÇO

Ó terra! Eu ouço teu grave alento,
Compreendo teu silente pesar,
Quando suportas o frio vento
Que às madrugadas vem te orvalhar.

Eu sei: procelas, copiosas chuvas,
E do sereno brando rumor
São os lamentos de tuas viúvas,
Lágrimas órfãs, dos pais suor.

Tu os colheste como semente
Sem conta, em campos, trilhas de dor,
Para que nutram-te eternamente
Sinas humanas e humano amor.



MÃE DOLOROSA

Leva-me, minha alegria, nas asas pelo ar,
Onde escorre nas colinas o brilho solar,
Onde estão recém-caiadas, brancas quais lençóis,
Casas, lúpulo às janelas, junto a girassóis.

Onde as moças buscam fonte e sonhos juvenis,
Onde em prados, como seda, brota flor-de-lis,
Onde eu, corado espanto com vara na mão,
Recebia bons beliscos do ganso-brigão.

Abençoa-me, destino, tu manhoso ser,
Que eu possa nesta terra viver e morrer.

CARTA

A mãe mandou uma carta,
Só poucas linhas escreveu:
Em torno da nossa casa
Branco o pomar floresceu.

Eu era menino apenas,
Então cerejeiras plantei,
Agora lá zunem abelhas
E dignos besouros, eu sei.

Bastam-me poucas palavras
Que cantam canções juvenis
E trazem calor de lembranças
E tornam minha alma feliz.

Mesmo que torçam
a mente alheia,
os algozes devem lembrar:
podem matar o cérebro,
que gera a idéia,
a idéia não podem matar!

ADVERTÊNCIA

Rápida, some a grandeza ilusória,
Toda a maldade é um curto troféu:
Nunca alcança no mundo glória
Quem só para ela no mundo viveu.

Festejam!

Ele tinha razão:

não molhou

uma só vez

solas então,

contra o vento nenhuma vez

empurrou-se...

Mas, também, para parte nenhuma andou!

ENTERRO ALEGRE

Ventos repicavam,
Brindavam: Saúde!
Paravam rios e rebanhos dos céus.
Enterravam a inércia:
Atrás do ataúde
Arrastavam-se turbas de fariseus.
Seguiam-na fúnebres
À cova aberta,
Carregando o pomposo, negro caixão,
E o lamúrio da gente indigna e esperta
Encobria o recinto
Com seu eco vão.
Dançavam árvores,
Riam-se flores,
O céu banhava-se em rio de anil,
O grito liberto
Ecoava nos ares,
Cintilavam corolas mil.
Por que alegravam-se,
Por que festejavam,
Espalhando o sol ao redor?
Enterravam a inércia:
Os ramos verdes
Tangiam o celeste tambor:
Ressuscitava o amor!...

LADRÃO

Apanharam o compadre e o detiveram,
Ao concílio da aldeia o escoltaram,
Lá o compadre catequizaram:
– Um crime hediondo cometeste:
No campo a própria colheita roubaste!
De quem a roubaste? Foi de ti mesmo.
Que sem-vergonha, de ti próprio roubar! –
O compadre coçava a cabeça e a esmo
Ruminava o seu mal-estar.
O compadre piscava com grossos cílios,
A desonra fitando com grave olhar.
Com sonhos caseiros – lhe era difícil
Paradoxos de tempos novos captar.
– É assim mesmo, tem razão, – acanhado
Tossia. – É feio roubar... –
Solta-te grito doído e alado,
Livre ressoa no ar!
Ele ladrão? E que ele pague
Porque roubava o seu suor?
Que esta carga a mim esmague,
Que o pejo cuspa no meu rubor!
Devo matar com desdém o compadre?
Revolta digna vem me queimar:
Quem depenou a consciência do pobre,
Quem conseguiu sua alma pisar?

Onde estão eles – malvados covardes,
Anônimos bonzos, fartos e cegos,
Que enforcaram a fé do compadre
Ao ambicionar posições e empregos?
Que sejam julgados e condenados,
Gananciosos da alheia herança!
Faltam as provas? Servirão os roubados
Farrapos de tanta fé e esperança.

MONARCAS

Ditadores, reis, imperadores
Abriram bocas quais crateras,
Desmaiando em fumaça de louvores,
Gritando: – Somos símbolos da era!
Estão contra Deus e gentes
Inimigos da nossa classe! –
E às curtas pernas sangrentas
Caíam louros escassos.
Dos servos compráveis paleta –
Palhaços de divertimento
Ao preço de uma gorjeta
Nutriam-nos com fingimento.
Ídolos lambuzados
Iam inflados em marcha...
Mas junto, os não coroados
Erguiam-se chefes-monarcas:
Copérnicos e Giorgiones,
De Chewtchenko a frente imensa –
Ao lado do seu alto trono
Faltava lacaio e incenso.
Pois do céu a vera grandeza
Não precisa de qualquer reclame,
Pois a vera verdade despreza
Apoiar-se nos ombros infames.



VASSYL STUS (1938-1985)

VASSYL STUS (1938-1985)

Vassyl Stus é dos três aqui apresentados o maior poeta. Ele nasceu na região de Vinnytsia, na aldeia Rakhniwtsi. Um ano mais tarde a família Stus mudou-se para Donbás. Depois de terminar cedo a escola secundária, Stus trabalhou como professor e como mineiro em Donetsk. Em 1963 começou os estudos universitários em Kyiw, solidarizando-se com o movimento dos dissidentes, que protestavam contra a russificação imposta da Ucrânia. Em 1972 foi condenado a 5 anos de trabalhos forçados, seguidos de 3 anos de desterro na Mordóvia. Em 1977 aparece publicada no Oeste sua coletânea *Vela no Espelho*. Em 1978 Vassyl Stus torna-se membro do PEN-Clube Internacional. Depois de um ano de liberdade em 1979, é novamente condenado a 10 anos de trabalhos forçados e 5 anos de desterro na aldeia Kutchno, da região de Perm, na Sibéria; mas, tendo uma saúde debilitada, morre em consequência de maus tratos. Em 1989, seu corpo, junto com dois outros companheiros-mártires, é trazido e sepultado com uma enorme manifestação popular em Kyiw.

Obras: *Palimpsesto*, publicado no Oeste em 1986. Em 1993 saíram em Kyiw as memórias sobre o poeta, e em 1994 principiou em Lviw a publicação de sua *Obra Completa*, exceto a última, *Pássaro da Alma*, que continha cerca de 300 poemas e umas tantas traduções poéticas, e que se perdeu no seu cativeiro.

Quando a Ucrânia entra em meu sonho,
ela entra sem girassóis, sem sol e sem viburno,
só com crepúsculo. Qual viúva com sua trouxa,
entra a Ucrânia na sua própria casa,
bebe um pouco de água, pergunta pela saúde
e assenta-se na beira do banco. Repousa,
e enxuga da testa o suor negro, como a terra negra.

Freixo esbelto!
De longe, tu lembras espada.
Espada não és.
És tristeza.
És o grito preso no peito.
Sobre ti bravejavam, há tempo,
quais sibilas, procelas.
Tu balanças-te solitário
e saudoso no meio das ervas.
Freixo triste!
Quantos anos gemeste, choraste,
qual gaivota queixosa,
debatendo-se contra a estrada real.
Despedida és alta,
Inclinas ao chão tua copa,
para longe teus filhos levando,
esperando-os em mudo pesar.
Para o mundo partem teus filhos,
seguem, seguem sem volta,
e tu deves a vida toda
aguardá-los na atroz solidão:
se voltarem – saudá-los,
se não vierem – sofrer,
esperando-os sempre
com a lágrima dura da dor.

A moça
De longo pescoço, qual corça,
Levava ovos
No avental encarnado.
Enfeitiçados
Pela virtude intimidada
Os homens
Soturnos
Iluminavam-se,
Deixando
A ela
Livre o caminho.

Junto ao metrô Khrechtchatyk,
cada manhã se detém
um carro de criança.
Uma varredora de rua
tira das urnas de ferro
o lixo acumulado:
velhos jornais, andrajos,
caixas de fósforos, pontas de cigarros,
enche o carrinho
e pela alameda de castanheiros
segue adiante.
Hoje, na véspera do feriado,
vestiu uma saia de cetim bonita,
novos sapatos e blusa,
até enfeitou o carrinho
com flores de plástico.

O sorriso e a seriedade no rosto
dão equilíbrio à felicidade.

EDUCAÇÃO

Vence a ti mesmo, pecador, –
ensinavam-no instrutores,
malhando suas costas
com chicotes.

E o infeliz não suportou,
retesou-se com força
e saiu de si,
abandonando o corpo pecaminoso.
Correndo algumas dezenas de metros
sentia ainda a chicotada
e ficou todo confuso:
devia correr para frente, ou para trás?
De voltar não tinha vontade,
mas ficar sem a pelo não o tentava também.

Podes correr em torno de teu couro,
como um selvagem em torno de urso,
e celebrar uma dança ritual
de tua derrota.

O infeliz ficou entusiasmado:
permitiram-lhe existir em si,
apenas à distância.

EVOLUÇÃO DO POETA

O genial poeta
rachou-se (em metade de si e medo).
O meio poeta rachou-se
(em um quarto de si e medo).
Um quarto do poeta rachou-se
(em um oitavo e medo).
Um oitavo do poeta rachou-se
(em catinga e medo).
Agora, quando passava pela rua,
acima de sua cabeça
pairava branca fumaçazinha,
e os passantes assustados
com reverência cediam-lhe o caminho.

Eis o sol,
disse o sujeito com cocar no casquete
E tirou para fora uma moeda, parecida com um pequeno sol.
E eis a estrada –
deu alguns passos para a direita
e com a ponta do sapato marcou o limite.
Para serem alegres,
ligai gramofones, transistores,
tomai nas mãos chocalhos
e batucaí até nas cabeças!
Para matar fome e sede,
assisti aulas e filmes populares
sobre como vivereis felizes
chegando ao paraíso.
E para que a chuva não pingue-vos no pescoço,
lembrai-vos
que qualquer torrente
acaba um dia,
mesmo o dilúvio.
Quando sentires frio, cantai estes cantos –
e estendeu um punhado
de textos carimbados
(permitido pela censura
ao coral coletivo
a duas, três ou mais vozes).

Se quiseres dançar,
estudai o interessante jogo bélico,
imaginando que sois cercados de inimigos,
que querem privar-vos da existência feliz.
Então atirai, lançai-vos nas seteiras,
caí em baixo dos tanques,
só não dispersai-vos, – acrescentou.
Ó, nosso benfeitor,
quem gostaria de fugir do paraíso? –
exclamamos uníssonos,
fitando os olhos sob o cocar,
parecidos com duas gotas de mercúrio.

Plantar uma árvore –
deixar após si a mais bela lembrança.
Eles deram para plantar ao longo do arame farpado
flores, arbustos e árvores.

A vinha silvestre envolveu os espetos agudos,
pendurou suas folhas largas
e até fez brotar azuladas uvas,
a trepadeira enrolou-se,
soprando em pálidas trombetas de amabilidade.

Junto ao cercado nasceram tais dalias, cravinas, peônias,
que atraem olhos e não os devolvem.

O Governo, inspecionando como se cumprem assumidas
[responsabilidades

tinha sempre como divisa:

"Tomar providência para a educação estética dos detidos,
que deve ser feita no alto nível ideológico e político."

Só as assinaturas dos comissários
lembravam os esquecidos espetos de arame.

VERÃO

O sol goteja qual chuva..

O sol cai qual torrente.

O sol se derrete

E desce pela caleira das nuvens.

Bebe

Pelo canudo do raio

Estival

O vinho tinto!

JUNTO AO LAGO OUTONAL

O lago salpicado, o negro lago outonal,
Como antracita de visões, como de grito o seixo,
Cintila com olhar de Lúcifer.

Embragado abismo afaga os pés.

Elevam-se, sangrentos, aos ares
Os corvos do porvir – alados gumes –
Aos ramos nus. Encobrem
O tenro azul, pinheiro de alto porte
E minha frente desolada.

Os olhos roucos se encontraram,
Como repetição daquele lago negro,
À força no meu crânio.

És sem abrigo?

Mas sentes, sentes brisa em tua alma?

CAMINHADA

Degela a distância....
Navegam pensamentos como nuvens.
Bebe o vinho azul!
A terra radiosa solta as asas,
Balança-se; e ondula,
Escapa, nada, brilha,
Fixando seu olhar em ti
Como seu filho...
Ó, minha terra!
Na névoa acinzentada,
Onde a bordada manga se derrete,
Deixei meu coração...

A alma – qual sino. Palavras,
Pesadas abelhas da tarde,
Hão de passar – esvazia
A brisa de mel. Escuta.
Silêncio, despe as palavras de asas!
Aumenta, silêncio.

Mar –

é negro torrão do pesar
a alma de Mefistófeles
está sozinha.

O piano de cauda
esfria sob os dedos da moça,
e no abismo
precipita-se a terra.

Capim áspero
capta passos úmidos,
e a névoa pesada
cobre o gemido do elemento.

Condensa-se a tarde qual saga sagrada,
e na voz do riacho – guturais rumores.
Em tua garganta – verdades e dores
incontáveis no tempo até a madrugada.

Dolente estala a mata sem meta,
e assovio de pássaro soa agudo.

Novembro, escuto.

Onde pode pousar borboleta?

Não respondes? Calas? Emudeceste?

Não podes perdoar? Maldizes?

Não podes deixar a solidão,

Ao coração confiar-te?

Calas qual grávida abandonada?

Calas qual bomba? Calas?

Pensas: da espera explodo?

Pensas: enlouqueço?

Em vão, meu amor.

Em vão, minha prisão.

Tudo em vão, odiosa.

Tudo em vão, bem-amada.

Hei de esperar-te não com lágrimas.

Hei de esperar-te com punhos cerrados,

Com punhos à meia-noite,

Com punhos ao travesseiro.

Não escreve. Não responde.

Eu te maldigo. Te beijo. Calado.

Sufocado com a espera. Calado.

Com punhos – ao travesseiro.

Eu sei medir a profundidade
dos céus ou dos peitos humanos. Eu sei
perceber o imperceptível. Apenas ignoro
como da morte salvar a terra nativa,
livrar-me da morte, dos vendavais,
encolher a cabeça ao gracejar,
escutar como a vida batuca
em caveiras amarelecidas.
(Quais rosários, caveiras humanas.)

Profético, o azul arfa com brisa,
profética, dos céus altura brilha,
e as nuvens nadam pensativas, por geada
envolvidas. Deslizam séculos afora
rolos de tempo, de lamentos brancos
cordeiros desgrenhados e caixões de dias,
de lutos altas torres.

Cai morno cansaço do céu
Nos lábios, nos olhos, na alma...
A tarde calma
Sobre as águas desceu...
Vê, como o dia
Diante dos homens se inclina:
Ao passar a colina –
Um convidado no adeus.

Árvores hibernais

A música cósmica soa no riacho,
É como se o cosmo a si próprio falasse.
Senta-te em frente e fica pequeno
qual seixo, deixando que a água te banhe
translúcida. Tua consciência intacta
há de tornar-te esguicho do sol
e lasca do céu. Suporta esta hora
solene em que te esqueces
de ti. No fim desta espera
tu, qual um grito, adquires firmeza
e hás de falar com a voz do riacho.

Iván, não posso sem o teu gracejo
este úmido inverno suportar.
Alguém já cuida em a ti caluniar,
quando meu Kyiw dorme. Eu te vejo
– pois não consigo as pálpebras fechar –
atrás da névoa no estelar lampejo,
porém tu calas, calas sem folgar.

Não abres tua boca, meu valente,
meu bigodudo sol e meu irmão,
quando os Reis Magos trazem de presente
a baixa covardia e a traição.

Iván querido! Sinto-me culpado
diante dos olhos meigos. Bem que eu sei
que descuidei-me tanto no passado
e alta soleira tua não busquei.
Desculpa meu dominical recado
que, sedentário, aqueço caldeirões,
pois neste inferno suportar grilhões,
sofrer e não gritar é vil pecado.
Lendo de Dante tétricas visões,
ao nono círculo, por ele imaginado,
eu saltaria já, sem restrições.

No meu dossiê, qual o porvir alado,
não deparou ninguém dos tubarões,
daqueles que roubaram minha terra,
meu mundo ensolarado e minha paz,
deixando ira justa e mais severa
a quem nunca antes de ódio foi capaz.

Em tocas todos valentões se escondem,
todos os justos – para o diabo vão!
Será a bondade lá visível onde
não há justiça, força, retidão
para ajudar o irmão em dura lida,
o pobre na desgraça defender?

Para escolher a luta pela vida,
para escolher a morte pra viver?...

EM MEMÓRIA DE ALLA GHORSKA

Flori, minh'alma! Deixa de gemer!
O sol da Ucrânia envolve o sol soturno,
Então procura a sombra do viburno,
Em águas negras – sombra de viver,
Onde de nós punhado vai sobrar
Só para preces, só para esperanças.
A morte é nossa sina sem bonanças,
Pois sangue de viburno vem pulsar
Tão forte em nossas veias retesadas.
Deslizam ao abismo sem parar
As uvas dolorosas do pesar,
Na eterna desventura sazoadas.



ECCE HOMO

Dois fogos ardem, com o vento conversam,
E no alto dos céus dois sóis se revezam.
O primeiro é o dia, outro – a noite cigana,
Entre eles floresce a azul genciana.
Se eu avançar, o fogo me há de queimar,
Se eu recuar, a morte me espera.
Dois fogos ardem, com o vento conversam,
E no alto dos céus dois sóis se revezam.

É neste campo, igual a linho azul,
Onde estás só, e mais ninguém contigo.
Mas viestes e caístes de joelhos:
Cem sombras vestes neste campo azul.
Pois neste campo azul, igual a linho,
É tua sina a de viver sozinho
Para provar a vida qual castigo.
É neste campo, igual a linho azul.
Cem negras sombras crescem sem parar,
Transformam-se num pinheiral andante
E vêm a ti. Fugir, ou ir avante,
De tua trilha a lâmina enrolar?
Ó não! Deves ficar de pé. Sofrer
Cativo, neste campo como linho,
E deves, neste campo sem caminho
Teu estrangeiro pátrio conhecer.
E neste campo como linho azul
Vens tu a ti por cem multiplicado,
E cada adversário é condenado,
E cada adversário o tabu
Não reconhece e sabe maldizer,
Por tua solidão enegrecido.
Pois do seu próprio corpo é esquecido
O espírito, tornado um rude ser.

Cada dia, cada hora, bombardeio em pensamento
tua imagem, Esfinge.

No entanto, és de pedra, compreendê-las
não és capaz.

Porém estremeças de meus gemidos,
como de toques sísmicos.

Cai de ti tudo que não pertence
à eternidade.

Resta dureza, da qual forçosamente
és aparentada.

Entre os pardais, no pátio da prisão,
de súbito, escutei o chamariz
princiando fino a tecer
o azul ribeiro do pesar. Julguei
um riacho primavera soluçar.

A mata me solta de seu abraço,
seguindo a mansa estepe pela
profunda neve sem caminhos e veredas –
tudo o inverno renova, prendendo.

E como podes encontrar a estrada
se estás sozinho, igual à árvore
com decepada copa? Quando
a inquietude cerca a alma
e a neve encobre as pegadas!

Andar, andar – até o desmaio. Até
que caias esticado para a frente
as mãos geladas. Eu te procurei
irmão-traidor, tu feiticeiro-inverno!

Eu vejo a terra estranha no além-mar
E uma mulher, qual cuco desolado,
A sussurrar: "Meu Deus, santificado
Seja meu povo, meu distante lar!"

Tu, minha irmã pequena,
Vagas embaixo às janelas
Em meus sonhos vespertinos,
Em estrela matinal.

Tu, minha irmã pequena,
És meu acre salvamento,
O mais doce dos cuidados,
Tremulando em luz azul.
Ó pequena minha mana,
Companheira solitária,
És conforto ao caído,
Água ao sedento és tu.
Como fugir e render-se,
Como achar ao evitar-te,
Encontrar na encruzilhada
Das três cobras-direções?
Como, vindo sorrateiro,
Envolver-te nos meus braços
E em pegadas dos pinheiros
Te seguir, irmã mortal?

Retorna a mim, lembrança como sol:
que sobre o peito deite-se pesada
a terra pátria, suave e desolada,
que traz ao noitecer do rouxinol
o trino. Vem, lembrança a mim
do cheiro de tomilho ensolarado.
Que pendam as maçãs avermelhadas
e sazoadas no verão sem fim,
que do Dnipró solene resvalar
ao menos em meu sonho se renove.
Eu lanço o grito. E meu país me ouve.
Retorna a mim, e leva-me ao lar.

ÍNDICE

Página

A TRÍADE DA RESISTÊNCIA	5
IVÁN SVITLYTCHNY	7
<i>GEADA</i>	9
<i>A VASSYL STUS</i>	10
<i>SONETO DA ALMA</i>	11
Ninguém mais crê neste planeta	12
<i>MISTÉRIO VESPERTINO</i>	13
<i>PRISÃO</i>	14
<i>INSPETOR</i>	15
<i>SONETO COMPADECIDO</i>	16
<i>MEFISTO-FAUSTO</i>	17
<i>MEFISTÓFELES</i>	18
VASYL SYMONENKO	19
Bom-dia, sol	21
<i>EU OUÇO</i>	22
Leva-me, minha alegria	24
<i>CARTA</i>	25
Mesmo que torçam	26
<i>ADVERTÊNCIA</i>	27
Festejam!	28
<i>ENTERRO ALEGRE</i>	29
<i>LADRÃO</i>	30
<i>MONARCAS</i>	32

VASSYL STUS	33
Quando a Ucrânia entra em meu sonho	35
Freixo esbelto!	36
A moça	37
Junto ao metrô	38
<i>EDUCAÇÃO</i>	39
<i>EVOLUÇÃO DO POETA</i>	40
Eis o sol	41
Plantar uma árvore	43
<i>VERÃO</i>	44
<i>JUNTO AO LAGO OUTONAL</i>	45
<i>CAMINHADA</i>	46
A alma – qual sino	47
Mar –	48
Condensa-se a tarde	49
Dolente estala a mata	50
Não respondes?	51
Eu sei medir	52
Profético, o azul	53
Cai morno cansaço do céu	54
A música cósmica	55
<i>A IVÁN SVITLYTCHNY</i>	56
<i>EM MEMÓRIA DE ALLA GHORSKA</i>	58
Dois fogos ardem	60
É neste campo	61
Cada dia, cada hora	62
Entre os pardais	63

	Página
A mata me solta	64
Eu vejo a terra estranha	65
Tu, minha irmã pequena	66
Retorna a mim, lembrança	67

Printed in Brazil



50/1

Умнож